

**Mayara Amaral dos Santos**

**Orientadora: Teresa Pires do Rio Caldeira**

**Pesquisa “Periferias de São Paulo: Heterogeneidade e Novas Formações de Vida Coletiva”**

**Trânsitos educacionais na Brasilândia, Zona Norte de São Paulo**

## **Resumo**

Este artigo faz parte da pesquisa “Periferias de São Paulo: Heterogeneidade e Novas Formações de Vida Coletiva”. O objetivo foi investigar a situação da educação na periferia de São Paulo, especificamente na Brasilândia, Zona Norte e compreender como se dá o processo educacional da escola a universidade. Foram entrevistados Coletivos Culturais, Saraus, Alunos de escolas públicas, professores e alunos de cursinhos populares. Ao decorrer da pesquisa nos deparamos com diversas situações como militâncias políticas, e a luta pela saúde mental nas universidades públicas, nos deparamos com algumas vítimas de depressão e suicídio. Porém, há também a luta e a resistência dos estudantes, das famílias e dos professores, o faz a educação ser uma etapa transformadora da nossa sociedade.

**Palavras-chave: periferia, juventude, educação, cultura, saúde**

## **Summary**

This article is part of the research "Peripheries of São Paulo: Heterogeneity and New Formations of Collective Life". The objective was to investigate the situation of education in the periphery of São Paulo, specifically in Brasilândia, Zona Norte and to understand how the educational process of the school is given to the university. Cultural Collectives, Saraus, Public school students, teachers and students from popular schools were interviewed. In the course of the research we are faced with various situations such as political militancy, and

the struggle for mental health in public universities, we are faced with some victims of depression and suicide. However, there is also the struggle and resistance of students, families and teachers, making education a transformative step in our society.

**Keywords: outskirts, youth, education, culture, health**

***“Qual a importância para você dos jovens da periferia ocuparem espaços acadêmicos? Por que você acha que é importante?”***

*[...] Eu acho que é uma coisa que a nossa geração pegou de uma maneira muito pesada porque foi a primeira geração que entrou na universidade, na hora que a gente entrou e deu aquele baque, sentiu aquele coice de cavalo que foram essas diferenças abissais de dinheiro, de classe social, de tudo. A gente ficou muito sentido mesmo. É aquela coisa: a primeira geração, ela vai sentir uma coisa que as próximas não vão sentir, porque a primeira geração já está ali para cuidar das outras que vão chegar. Eu acho que pra mim foi bom ter entrado na universidade, por ter sido a primeira geração e por conta desse coice de cavalo que eu recebi dentro da universidade.*

*Agora, a minha irmã, por exemplo, se ela entrar eu já vou começar a dar para ela todas dicas para ela de como lidar com um professor racista, de como lidar com um professor machista, de como você ser estratégico lá dentro. Para sobreviver lá dentro psicologicamente porque as pessoas vão te atacar de todos os jeitos, entende? Tinha gente que mexia em trabalho meu no [?] ateliê, sabe? Então, [...] quando a gente está lá dentro a gente sente um baque muito grande do que são essas diferenças sociais. E é muito diferente você saber que isso existe, é muito diferente você estar diante dessas diferenças sociais na sua frente: de ver uma pessoa gastar cinquenta reais num almoço. Isso, a hora que você vê diante de você, a coisa pega bastante e eu acho que a periferia ela tem que ir ocupando a universidade para que ela não seja um espaço só da elite, para que ela seja um espaço de todos mesmo.*

*Mas eu acho que a gente tem que ter esse cuidado da gente não ser absorvido por esse sistema acadêmico elitista, a gente tem que mudar esse sistema*

*acadêmico elitista. Só que isso exige toda uma força absurda que não é todo mundo que consegue [...] e muitas dessas pessoas estão sozinhas lá dentro da academia fazendo o possível e às vezes até o impossível para sobreviver lá dentro aguentando perseguição de professor; aguentando ser expulsa de projeto de pesquisa, essas coisas eu já fui de expulsa de projeto de pesquisa porque denunciaram o racismo que eu sofri lá dentro, para você ter uma ideia do que a gente tem que lidar ali. Tem que ocupar, tem, mas a gente tem que ter uma noção do que é o inferno que é academia porque aquele lugar para mim foi o inferno mesmo na terra. Dizem que a Brasilândia é um lugar perigoso, mas pra mim eu nunca me senti um perigo tão grande quanto foi na universidade. Acho que me abri demais agora.*

**[...]**

*Eu queria complementar que a elite brasileira, dentro da academia, ela pega você muito pelo medo. Ela te manipula muito pelo medo, ela faz você ter medo de você não conseguir emprego quando você sair de lá, de você não conseguir fomento a alguma pesquisa que você quer ter se empenhar muito. E o que eu dou, um conselho para a galera que está entrando: “Não tenha medo”. Não tenha medo porque é com essa manipulação do medo que eles conseguem fazer a gente ficar parado no lugar e não se mexer, e eu fiquei parado no lugar sem me mexer dentro da academia porque eu fui manipulada por essa elite, pelo medo que eles imputem na gente. Eu tive medo, eu confesso, eu tive medo dessas pessoas. Mas o que eu comente para essa galera que está entrando agora: “Não tenha medo”. A gente tem impressão que eles têm um poder enorme sobre a gente, mas nem sempre eles tem. Mesmo que eles tentem acabar com nossa carreira em algum aspecto, a gente consegue sobreviver em outros. Porque essa questão de ação direta eu não aprendi na academia, lendo livros, eu aprendi com a minha família. Ação direta é sobrevivência, isso eu aprendi. Se eu puder dar um conselho para essa galera que está entrando agora: “Não tenha medo, e se tiver vai com medo mesmo”, sabe? Aquela coisa, vai com medo mesmo, enche o peito de ar e vai. “Não tenham medo” porque enquanto a gente for manipulado pelo medo a gente não vai conseguir ocupar aquele lugar da maneira que ele tem que ser ocupado...*

*É isso... Acho que a partir daqui já está doendo um pouquinho..." (Depoimento de uma Professora do Cursinho Livre da Norte)*

## **1- Como cheguei ao tema educação: sobre dificuldades e inspirações.**

Todos nós inicialmente, refletimos sobre qual seria nosso objeto de pesquisa, além de nós, como em Fanon (2008), *Pele negra, Máscaras Brancas*, sendo pesquisadores de nós mesmos, nós sendo ali naquele instante nosso próprio objeto. Inenarrável. Como discorrer sobre a obra inacabada que é ser? Enfim, o time estava em campo, agora o jogo era jogar, ao seu modo cada pesquisador foi delimitando seu objeto, um escolheu o funk, a outra a moradia, a outra as mulheres, o outro os LGBTQI's, outra então desafio o complexo das identidades, restou-me então fazer uma escolha.

Poxa, mas se não vou focar na violência, vou falar então da cultura? Do samba? Do jongo? Da capoeira? Levei a discussão para a mesa, e com a ajuda de meus pares chegamos a conclusão de pesquisar a educação, tema que eu realmente não achei que iria desembocar da gruta no mar, ou melhor no oceano, naveguei longe com este tema, e espero que você possa me acompanhar nesta jornada que está ligada a estrutura de classes da sociedade brasileira, um arquiteto muito engenhoso construiu um sistema educacional que não tem como, em minha hipótese, ele não dar errado. São raros os casos em que conseguimos burlar o sistema, e ainda assim quando acessamos a universidade por meio de programas sociais, a permanência se vê prejudicada o que impede a conclusão de um ciclo educacional para um jovem da periferia de São Paulo. Não estou aqui querendo generalizar, eu por exemplo, sou uma exceção sou graduada e pretendo cursar a pós-graduação. Todavia o que meu campo me entregou, foi abaixo de minhas expectativas enquanto moradora e pesquisadora da periferia.

Hoje, para se conseguir um emprego é necessário ter no mínimo o ensino médio, e em alguns casos me deparei com jovens que haviam cursado apenas até a 5º série, ou até a 8º série, esses jovens arrepende-se por terem largado os estudos, mas a vida, exigiu que eles trabalhassem, porque, como

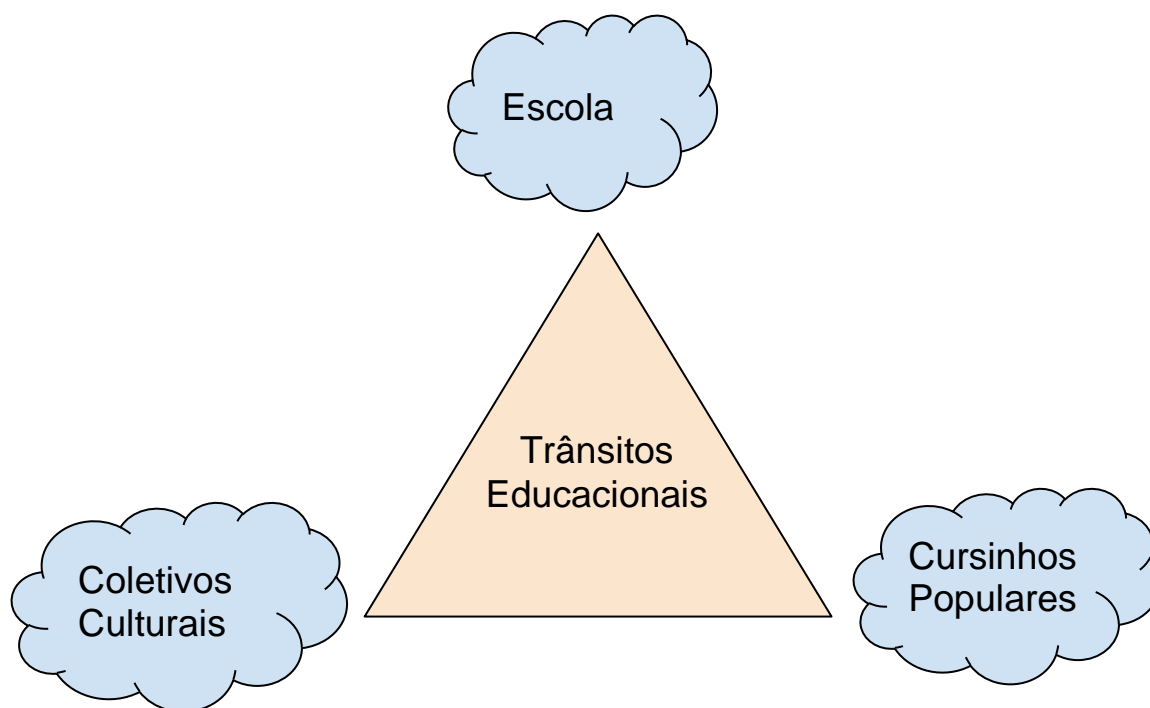
canta o Rapper EMICIDA, não tem como ler Marx, e eu acredito que estudar em geral, se você está com fome.

*Esses boy conhece Marx  
Nós conhece a fome  
Então serra os punho sorria  
E jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazias*  
(Emicida, Letra da música “Levanta e anda”- 2013)

### **1.1 - Os trânsitos educacionais: O “Respiro” dos jovens recém-formados.**

#### **E agora? O que eu faço com esse diploma?!**

Pensei neste texto como sendo um tripé desta pesquisa cada uma de suas bases representantes dos trânsitos educacionais, a escola, os saraus e os cursinhos populares; a circulação dos jovens por esses espaços representa os trânsitos que movimentam a educação periférica. Os trânsitos educacionais são movimentos que ocorrem de jovens que estudam em escolas públicas e por meio de cursinhos populares, e acesso a saraus e coletivos culturais, acabam sendo motivados a estudar e tendo oportunidades de acesso a livros e aulas, possibilitando sua entrada nos espaços universitários.



Nesses trânsitos educacionais, ocorrem espaços de conhecimento e reconhecimento, conhecimento de suas identidades, como negros, periféricos, mulheres, LGBTQI's. Neste processo são identificadas diversas situações de discriminação.

Alguns jovens relatam que sofreram muito no período da universidade, porque elas entraram em contato com outras pessoas, com diversas identidades. Nos relatos dos entrevistados, sempre havia o contato com o outro, e esse outro fazia-o diferente na forma de tratamento, as diferenças eram de classe, raciais, de gênero e sexualidade.

## **2- A instituição de educação formal: Escola**

A escola por sua vez, busca cumprir o espaço que é deixado pelo Estado nas periferias, este vácuo, infelizmente não é preenchido apenas por professores, em minha análise, seriam equipamentos públicos para que houvesse um salto na educação no distrito da Brasilândia. Os professores se

esforçam para passar os conteúdos, mas encontram alguns estudantes desinteressados, ou que não estão saudáveis física e mentalmente, o que desmotiva alguns professores.

A Escola Estadual Walfredo de Arantes Caldas, a escola em que realizei a pesquisa, sofreu com roubos, vandalismos durante uma invasão que fizeram na escola em 2017, arrombando os armários dos professores, roubaram computadores, não se sabe quem foi.

Os alunos e professores não desistiram da escola, me enviaram projetos de hortas, grafitis, batalhas de mc's, propostas interdisciplinares, que buscam ensinar aos jovens de forma prática literatura, música, ciências, biologia, artes, porém a escola não possui verba para realizar os projetos, e estão buscando apoio nos comércios locais, como nas casas de construção para conseguirem materiais para construir uma horta comunitária ao redor de toda escola.

Sobre a educação nas escolas, o que eu ouço sempre é: PRISÃO. Ainda não consegui entrevistar a professora da escola, mas a visão que tenho com as coisas que ouço é que é um projeto feito para dar errado, a escola atualmente no modelo em que esta, foi criada para que haja evasão escolar. E há. Sempre que chego na E. E. Walfredo, há menos alunos, de uma lista de 50 alunos, 20 vão para escola, dia de sexta-feira 5 alunos. E isso é em todos os períodos, porque eu fiz estágio lá, de manhã, de tarde e a noite. “Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1983a, p. 79)

Quando eu ouvi de um aluno que a professora de sociologia não passava nada, além de texto para eles lerem e responderem questionários, que ela não abria a boca, não explicava nada, no primeiro momento senti-me revoltada, após ouvir outras opiniões de amigos, comecei a pensar na desvalorização da profissão do professor, e como isso pode acabar influenciando sua performance em sala de aula. “[...] o educador, ao definir uma determinada metodologia de trabalho, planeja, decide e produz determinados resultados formativo-educacionais que têm consequências na vida dos educandos [...]” (ZITKOSKI, 2006, p. 51).

Por outro lado, a escola não tem somente um polo negativo, também há na escola espaços de transformação e luta por um sociedade melhor. Não existem apenas professores desinteressados, bem como alunos que não desejam estudar. Podemos pensar no exemplo dado em 2016 pelos alunos secundaristas em São Paulo que ocuparam suas escolas, para que as mesmas não fechassem mediante uma reorganização escolar promovida pelo governo do governador Geraldo Alckmin (PSDB). Os alunos nestas ocupações lutavam por melhores condições no ensino, melhorias em suas escolas, e sua pauta principal era o fechamento das escolas, e a luta contra a superlotação das escolas.

Nestas ocupações, os alunos, pais, professores, aprenderam na prática a lutar por seus direitos, e compreenderam que a escola é um espaço público, sendo assim, passível de ser ocupado, por direito dos trabalhadores e alunos. As escolas não foram fechadas, e os alunos conquistaram seu objetivo; observando esse processo, podemos dizer então, que os alunos não são desinteressados por estudar, tão pouco os professores por ensinar. A escola,



que é promotora de formação para os cidadãos, é um espaço que está em constante transformação, bem como a sociedade o está, segundo Paulo Freire “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação”. (1991, p. 84)

Os alunos durante as entrevistas, foram críticos aos conteúdos que aprendem, por exemplo, dizem que passam muito tempo aprendendo sobre Grécia e Egito, sendo que eles não se identificam com esse conteúdo. Nos debates que venho participado sobre direitos humanos e educação popular, alunos e também professores da periferia, falam sobre a falta de interesse em obras de arte, ou matérias como história, ou matemática, que não tem a ver com seu cotidiano, com sua realidade. Pierre Bourdieu (1979), em seu livro “A Distinção”, relata como o gosto é construído, e que nesse processo há uma distinção de classe, então o filho da burguesia vai à escola e aprende sobre Egito, mas para ele faz sentido, porque seus pais foram viajar para o Egito, e o menino possui fotos em casa, o que aproximou o Egito de sua realidade, já o menino pobre, filho de trabalhadores, não faz ideia do seja uma pirâmide, e para ele o Egito está muito distante, e não há sentido em estudá-lo. Isso constitui o habitus, segundo Bourdieu, de cada classe, que irá produzir um capital simbólico, social, cultural, ou/e econômico. A distinção dá-se nas preferências culturais de cada classe e na lógica dos gostos, que estão sendo mediadas por uma relação simbólica.

Nós, enquanto educadores, temos que pensar nas transformações que podem ser realizadas, até mesmo dentro do ambiente institucional da escola; pois, é lá que encontraremos muitos adolescentes e jovens que estão passando pelo processo de formação e que não tem dinheiro para se

locomoverem pela cidade, por exemplo, e acessaram museus, teatros, outros espaços de formação.

Neste momento de avanço da extrema direita no Brasil, como nós devemos nos posicionar? Pensando que cada ser humano é único, respeitando seu processo formativo e seu tempo, como essas ações podem interferir na sua inserção e manutenção no mundo do trabalho? A forma como o mercado absorve os indivíduos, modifica sua ação. Sendo assim, temos esse espaço de constante tensão que é a escola, um espaço de transformação e de conservadorismo, que balança as estruturas e as mantém, reproduz e resiste. É disso que se trata a educação na periferia, uma constante tensão, e a busca da manutenção e do equilíbrio.

### **3- A instituição familiar**

Os pais por sua vez, no processo educacional também buscam cumprir seu papel, trabalham, deslocam-se para o trabalho no centro, passam em média 4h a 6h no transporte público e 9h no trabalho, sobram poucas horas para o cuidado familiar. Sendo na maioria das vezes estas famílias, compostas por mães e seus filhos. Os jovens muitas vezes precisam começar a trabalhar cedo e acabam abandonando o ensino, porque precisam ajudar a sustentar a casa.

Quando perguntei a Professora de sociologia do Walfredo, qual eram os problemas que ela presenciava em sala de aula. Ela me respondeu que o maior problema eram as famílias desestruturadas. Mas o que seria uma família estruturada? A questão presente é que as famílias não podem ser chamadas

de desestruturadas por não possuírem a figura masculina, elas apenas possuem outras estruturas que necessitam ser compreendidas para um melhor entendimento dos problemas sociais que envolvem o ensino nas escolas públicas da periferia.

Tendo em vista que 77% dos mortos em assassinatos com armas de fogo são negros, e que a maioria dos homens negros e jovens moram nas periferias de São Paulo, eles correspondem a esta figura do pai ausente. Então, o problema da escola pública ultrapassa as grades da escola, e se choca também com as grades dos presídios, muitas alunas relataram que seus pais estão presos, ou irmãos, por estarem envolvidos com o tráfico de drogas.

Além de mais um fator, a negligência de responsabilidade parental masculina, enquanto mulheres são recriminadas pelo ato de abortar, os homens somem, não assumem o filho, e por isso temos milhares de certidões de nascimento sem o nome do pai.

#### **4- A educação não formal: Os Saraus**

Os saraus são de fundamental importância na formação intelectual dos jovens periféricos, porque eles dão acesso à jovens que não ocupam espaços como as Casas de Cultura, ou as Fábricas de Cultura.

Considero que este é um dos tripés que sustentam hoje a educação na periferia, além da escola tradicional fornecida pelo Estado como um direito garantido na Constituição, e os cursinhos populares, os saraus colaboram

incentivando esses jovens a escrever, ler, e pensar criticamente, coisas que muitas vezes não ocorrem no espaço de educação formal.

Há neste processo uma construção da identidade de classe, gênero, sexual e racial, os jovens acabam se deparando com a depressão, pois não estão no mesmo padrão de seus colegas de faculdade. Eles destacam que as universidades e escolas deveriam ter um maior acompanhamento psicológico.

O Sarau da Brasa fica no bairro da Brasilândia, surgiu em 2008, dentro de um bar, com a proposta de exercer a cultura dentro do espaço da periferia. Os integrantes do sarau dizem-se anarquistas, porém há membros que já foram do Partido dos Trabalhadores, e alguns jovens que frequentam são do PSTU. O espaço possui um ritual de tocar tambores, para lembrar seus ancestrais negros, e suas raízes africanas. Os jovens costumam inscrever-se para recitarem poesias, na maioria dos saraus um livro é lançado, sendo ou não de um membro do Sarau da Brasa.

Os jovens anunciam suas conquistas no microfone, como quem conseguiu entrar na universidade, concluir o curso, ou entregar o TCC. Algumas jovens que entrevistei, relataram que o sarau as ajudou e as inspirou a estudar, e que elas se sentiram motivadas para estudarem para o vestibular, conheceram por meio deste espaço cursinhos populares e acabaram conseguindo entrar em alguma universidade pública ou com auxílio de programas do governo do PT, como FIES, SISU e ProUni.



Sarau da Brasa, Sarau do Binho, Elo da Corrente... Na Praça 7 jovens — em Praça 7 Jovens.

Dia 11 de novembro de 2018.

O Sarau da Brasa costuma realizar ações conjuntas com o Sarau 7 Jovens, pois estes ficam em uma região próxima, a Brasilândia. A ocupação das Fábricas de Cultura foi apoiada pelos dois Saraus, o lançamento de um Livro também foi lançado no Sarau da Brasa e no Samba do Bowl. Há muitas pessoas em comum que frequentam os dois saraus, por serem próximos um do outro.

O Samba do Bowl surgiu em 2013, com jovens músicos e grafiteiros da Praça 7 Jovens<sup>1</sup>, que leva esse nome em homenagem a 7 jovens que foram mortos em uma chacina em 2007, na Rua Olga Benário, no Jd. Elisa Maria-Zona Norte de São Paulo.

Todo o primeiro domingo do mês tem o Samba do Bowl, desde 2013, em que são convidados artistas para cantar RAP, Funk, Samba, Reggae ou Forró, tendo em vista que a Brasilândia é um dos berços do Samba em São Paulo. Estas iniciativas buscam trazer a cultura de muitas raízes periféricas (Santos, 2017)

Em 2014 houve a segunda chacina, mas dessa vez na Praça 7 Jovens, LOL conta que tiveram que tirar as camisetas dos jovens com sangue da praça, e ainda foram ameaçados por policiais na manhã seguinte. Os jovens então, organizaram uma passeata na Av. Dep. Cantídio Sampaio em protesto à morte de seus amigos, eles foram atacados pela polícia com bombas de efeito moral, e balas de borracha.

Os jovens seguem resistindo até hoje contra a violência policial e lutando pelo direito à liberdade, a educação, a cultura, a cidadania na periferia.

## **5 - Os cursinhos populares**

São espaços de formação não formal, gratuitos, que visam formar os jovens para passar em escolas técnicas, e no ensino superior. Porém, diferente de cursinhos comerciais, estes cursinhos criam laços com os jovens, e buscam formá-los enquanto cidadãos, os alunos têm aulas, vão à passeios, os professores são voluntários, e enxergam os projetos como formas de militância e mudança social.

Esses jovens professores dos cursinhos populares são a primeira geração de suas famílias a entrarem nas universidades públicas e privadas, por meio do Enem, Sisu, ProUni, Cotas, e FIES. Eles ao saírem das universidades,

---

<sup>1</sup> Brasilândia: Outras formas de gestão da violência (2017)

com seus diplomas nas mãos e encontrando um momento na economia do país atualmente crítico, submetem-se a trabalhos precários, que não são em suas áreas de formação, mas buscam sua realização enquanto profissionais, dando aulas voluntariamente, dessa forma adquirem experiência e contatos com o mundo educacional. Também, há professores que trabalham na área e dão aula no cursinho porque gostam do projeto e lutam por uma educação de qualidade e popular.

Os cursinhos populares também são um espaço de militância política e de educação popular. Eles começam a existir quando há o retorno desses jovens periféricos que conseguem ingressar nas universidades, para as periferias, e desejam que seus pares periféricos também ocupem o espaço da academia.



Foram pesquisados dois cursinhos da Zona Norte de São Paulo. O Cursinho Livre da Norte, de ideologia anarquista, funciona autonomamente dentro do Centro Cultural da Juventude. Os alunos não pagam nada, os professores são recém-formados e dão aulas gratuitas. Este cursinho iniciou sua jornada em 2017, em que funcionava de terça a sábado, com aulas a noite. Eu fui professora de sociologia por um semestre, antes de ingressar no IFSP no curso de Letras.

Os alunos possuem idades variadas, temos alunos que fazem o EJA, alunos e alunas mais velhos. O critério de seleção era por idade, os mais velhos eram selecionados, por cor, os alunos negros eram selecionados, por sexualidade, alunos LGBTQI's tinham preferência, e por classe social, alunos com rendas mais baixas também eram selecionados, isso porque o cursinho tem o propósito de atuar na transformação e na luta pela igualdade em nossa sociedade capitalista. Apesar de declarar-se um cursinho anarquista, há professores de diversas ideologias, porém todos prezam pelo ambiente democrático e a liberdade de ideias.

Outro cursinho que pesquisei, foi o Cursinho Popular Preparando Para o Futuro, ele está situado no Jd. Elisa Maria, e atende adolescentes de 13 a 14 anos que irão prestar o pré-vestibulinho para a ETEC, neste cursinho os alunos que não tem condições não precisam pagar, os que têm, pagam uma mensalidade de R\$ 30,00, para ajudar com as despesas como xerox.

O espaço do cursinho é um CCA, em cima de uma igreja, os professores também são voluntários, a maioria está dando aula pela primeira



vez. O cursinho esse ano teve 50 alunos, em 2017, foram 20 alunos. Os alunos são aplicados, gostam de estudar e todos estudam em escolas públicas.



Dia das Profissões 2018 – 11 de novembro

A ideologia do cursinho é de esquerda, esse ano fizeram campanha para o Ciro Gomes, o que influenciou os alunos a fazerem campanha nas redes sociais para o mesmo. A eleita deputada federal, Tabata Amaral (PDT), fez uma roda de conversa com os adolescentes, após sua vitória, a deputada é branca, estudou no Curso (particular) Etapa com bolsa de estudos, e foi para Universidade de Harvard estudar Ciências Políticas. No segundo turno para presidência da República, os alunos estavam fazendo campanha para o Fernando Haddad (PT).

Acredito que a educação é uma importante ferramenta de transformação social, e podemos observar sua potência no esclarecimento, ou não, das ideias a favor da liberdade, igualdade, e do bem estar social. Por isso, os cursinhos populares mostram-se como espaços de resistência nas periferias

de São Paulo, um pouco mais abertos ao diálogo que as escolas, devido sua burocracia e institucionalidade, porém o alcance ao público em geral é menor, talvez essa progressão aumente com o decorrer dos anos.

### **5.1- O Projeto de Lei Escola Sem Partido**

Atualmente, após as eleições, tivemos muitas ofensivas no campo da educação, o projeto de lei “escola sem partido”<sup>2</sup> por exemplo, são mudanças as quais estes espaços de coletividade terão de resistir, e arranjar novas formas de atuação. O projeto “escola sem partido”, extingue qualquer tipo de ideologia da sala de aula. Porém, temos visto que as ideologias extintas são as ideologias ditas de “esquerda”, uma das defensoras da escola sem partido, é professora e dava aula de história para seus alunos com uma camiseta do Bolsonaro, presidente eleito no Brasil no último dia 28 de outubro de 2018.



---

<sup>2</sup> <https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-polemica-em-torno-do-escola-sem-partido.ghtml>  
Acesso em: novembro de 2018

“Deputada que pediu para filmar “professores doutrinadores” é denunciada por ex-aluno. Ana Carolina Campagnolo (PSL), deputada estadual eleita por Santa Catarina, causou polêmica ao pedir que estudantes gravem “professores doutrinadores”; ela mesma, no entanto, é professora de História e deu aulas vestindo uma camiseta de Jair Bolsonaro.”(Revista Fórum)<sup>3</sup>

Porém, Jair Messias Bolsonaro possui ideologia e é da extrema direita, anti-democrático; o presidente eleito, propõe a portabilidade de armas e a facilitação para este porte, a redução da maioria penal, o fim das cotas, já fez falas enquanto deputado federal, cargo que ocupou por 28 anos, como “ O erro da ditadura, foi torturar e não matar” (entrevista à rádio Jovem Pan – junho de 2016) – o presidente Bolsonaro referia-se a ditadura militar de 1964, que durou 21 anos, e executou mais de 30 mil pessoas “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff” ( Na sessão da Câmara de abril de 2016, quando votou a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff, Bolsonaro dedicou seu voto ao coronel Brilhante Ustra, que na ditadura militar chefiou o DOI-CODI – serviços de inteligência e de repressão, acusado de cometer pelo menos seis assassinatos sob tortura).<sup>4</sup>

## **6 - A educação como mercadoria: A frustração**

Uma reflexão que fiz acerca da educação como mercadoria, é sobre o sonho de ter uma “faculdade”, e para as classes mais baixas não importa se será pública, ou privada, o fato é que tornou-se necessário adquirir o bem “educação superior”, enquanto nossos pais tem no máximo o ensino médio, nós saímos em busca e somos instigados a ter educação para ser “alguém na vida”. E então, quando nós periféricos, negros, de baixa renda, concluímos o ensino superior fica o vazio. O que fazer com esse conhecimento? Dificilmente

---

<sup>3</sup> <https://www.revistaforum.com.br/deputada-que-pediu-para-filmar-professores-doutrinadores-e-denunciada-por-ex-aluno/> Acesso em: Novembro de 2018

<sup>4</sup> Fonte: Revista IstoÉ, ed. Nº2551 09/11

encontramos espaço no mercado de trabalho em nossa área de formação, e muitas vezes somos obrigados a trabalhar em empregos precarizados, porque o mercado não tem espaço para tanto “formados”, temos diplomas e não sabemos ao fim porque nos esforçamos tanto por eles.

Acreditamos em uma falsa ilusão da meritocracia, que se nós estudássemos mudaríamos de classe, talvez em alguns casos isso tenha ocorrido, mas tenho entrevistadas que relataram que concluíram seu curso de Recursos Humanos, e estão trabalhando no telemarketing, para sustentar a casa. Quando pergunto se ela deseja fazer outra faculdade, ou uma pós-graduação, ela responde que não, que está cansada de estudar, e que só o seu trabalho no telemarketing já faz com que ela se esforce muito, e desgasta muito seu emocional. Mesmo sendo, apenas 6h de trabalho por dia, ela diz que é extremamente puxado, chega a fazer mais de 100 ligações por dia, e tem seu horário controlado até para ir ao banheiro.

## **7 - A depressão como resultado de micro ações diárias**

Mediante a tantas situações conflituosas, nós, cidadãos periféricos, alunos, jovens negras e negros, entramos em depressão, e quando eu pergunto a esses jovens sobre a perspectiva de vida, a resposta não tem variável “não tenho”, não há perspectiva de futuro para jovens de 15 a 42 anos. Temos uma juventude adoecida, lutamos tanto para entrar na universidade, e ela destruiu o mais importante, o nosso “eu”.

Segundo Martin Gay e Annick Vogels (1999), a depressão pode existir por si só ou estar relacionada [...] com dificuldades comportamentais associadas à gravidez na adolescência, abuso de substâncias químicas, distúrbios alimentares, suicídio, acidentes graves, crimes violentos e distúrbios psicossomáticos. (p.65)

Devido a essas circunstâncias, comecei a perseguir para além do tema educação na periferia, a depressão da juventude periférica, principalmente a universitária. Todos os professores que entrevistei, em algum momento de suas vidas tiveram depressão, relatam que a pior experiência de suas vidas foi a faculdade.

Na sua forma mais simples, a tristeza, como manifestação da depressão, é parte de um conjunto maior de problemas que inclui a perda do interesse em atividades, sensação de inutilidade e impotência, distúrbios do sono, mudanças no apetite, problemas comportamentais e queixas psicossomáticas. (Gay e Vogels, 1999, p. 66)

Mesmo que nossos corpos saiam daqui, em nossa performance (Butler, 1990) levamos esse lugar com a gente, eu sei que o Jardim Elisa Maria está no meu jeito de falar, de vestir, de comer, nas minhas expressões, nas minhas palavras, e que um aluno da FGV rapidamente sabe que eu não sou uma aluna da FGV, porque em minha performatividade, eu existo por meio da minha linguagem e ela por si só já expressa o sujeito que sou, e uma observação interessante é que quanto mais tentamos vestir as máscaras “deles”, mais nos embaraçam, os talheres fazem barulho, você deixa alguma coisa cair no chão, enfim alguma coisa escandalosa vai acontecer para explicitar, “Esta vendo este sujeito aqui? Ela ou ele é do outro lado da ponte.”. Não adianta, pode colocar quantas máscaras quiser, o salto, o paletó, alisar o cabelo, o sujeito periférico ainda há de existir com você, temos o exemplo de nossos colegas que se esforçaram e entraram nas universidades, e saíram de lá sem concluir, ou concluíram doentes, depressivos, ou nos casos limite, se suicidaram.

Para Gay e Vogels (1999) os indícios de depressão na adolescência estão ligados à elementos de culpa, inutilidade, auto depreciação e desespero, alguns sinais como apatia total, o desinteresse pela vida, a dificuldade para dormir e a falta de atenção e concentração diária, são sinais da depressão. O suicídio também está em evidência quando há alta irritabilidade e elementos de inquietação. A transição da adolescência para a vida adulta é marcada pela necessidade da autoafirmação em grupos, a solidão destes jovens podem levá-los a sentimentos de fracasso e perda. O término de uma relação como o final

de um namoro, pode ser motivo de um sentimento de rejeição total, essa rejeição social pode levar a depressão e ao suicídio. Os adolescentes acreditam que não tem “nada a perder”, e por isso podem se submeter a situações de alto risco, envolvendo-se em relações de risco sexual, de violência, abuso de álcool e drogas.

De acordo com Kelly (1991) o suicídio, ou sua tentativa, surge como sinal de aviso quando todos os outros meios de comunicação já foram esgotados. Muitos adolescentes sentem-se incompreendidos e acham que seus pedidos de ajuda não são ouvidos. [...] A maioria dos atos de suicídio na adolescência, são atos não planejados, eles o fazem de forma impulsiva ou para vingar-se de alguém, em alguns casos as consequências podem ser fatais. (p.72)

Devido estes casos de transtornos mentais causados pela academia, entrevistei o Coletivo Nise da Silveira, da USP, que busca entre os alunos criar uma rede de apoio para os estudantes que estão passando por sofrimento emocional.

*“A primeira reunião de acolhimento foi uma roda de conversa só com membros do coletivo, e os desabafos foram profundos e dolorosos. Houve relatos de pessoas queridas que morreram de anorexia, de surtos psicóticos, e muitas outras coisas. Mesmo sem psicólogo acompanhando (que é o que sempre falam pra gente fazer), deu tudo certo e ninguém teve crise; eu e os outros organizadores já sabíamos que seria difícil. Foi muito triste e pesado, mas não teve crise. Na verdade, fez muito bem para quem conseguiu desabafar, inclusive porque muitas daquelas pessoas não tinham nenhum outro lugar seguro para fazer isso.”*

*“A intenção é manter o grupo virtual como um espaço de desabafo e interação mas também tentar aumentar aos poucos as ações do coletivo”.*  
(Administradora do coletivo Nise da Silveira, Julho de 2018)

Para Gay e Vogels (1991), a manifestação de sintomas depressivos geralmente surge da combinação de fatores estressantes que estão afetando um jovem já vulnerável. [...] Para isso, faz-se necessário a parceria entre pais e professores trabalhando juntos para ajudar o adolescente ou o jovem na prevenção de transtornos mentais.

## **8 - Reflexões finais - Espaços de conhecimento e reconhecimento: A elaboração dos seres periféricos e periféricas**

Alguns jovens relatam que no processo da universidade descobriram-se negras e negros, com a ajuda de coletivos negros das próprias universidades, e eles começaram a assumir e ter orgulho de sua raça. Estes processos de conhecimento e reconhecimento, se dão, segundo Paulo Freire, ter consciência de si é compreender o exercício da dialética da educação, em que

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (2006, p. 30)

O mesmo processo é relatado por Sophia – professora do Cursinho Livre da Norte – ela acha que os cursinhos populares, e os saraus devem ser espaços que preparem os jovens que irão adentrar à universidade para os momentos de conflito, com outra raça, os brancos, com outra classe, a classe média alta, com heterossexuais, e para as mulheres com os homens que desenvolvem o silenciamento das mulheres em sala de aula, ou em outros espaços de protagonismo estudantil, como centros acadêmicos. Apesar, de a maioria dos estudantes serem mulheres nas universidades brasileiras.

Os trânsitos acabam por mudar a dinâmica da periferia, porque temos novas identidades sendo construídas, como a de um amigo meu, nos conhecemos há mais de dez anos, ele é negro, retinto, e me disse que só há três anos se descobriu negro, devido a um coletivo negro de sua faculdade o IFSP. Eu fico imaginando quantas pessoas que são negras, e têm suas identidades apagadas em função de um padrão de sociedade branca. Perguntei a esse meu amigo, o que ele achava que ele era, ele me disse que achava que ele era “normal”. Mas, nós somos normais, somos diferentes, e ser

diferente não significa uma coisa ruim, mas significa que devemos ser respeitados pelo o que somos, e não pelo o que nos convencem a ser.

Estes espaços de conhecimento como os saraus, os cursinhos, e coletivos são para além de espaços de conhecimento, espaços de reconhecimento, nós nos olhamos e vemos que somos capazes; seria para Freire (1997) o exercício da práxis, não apenas da prática, mas a execução de uma atividade pensada e organizada, “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”. (1997, p. 38). Pois, quando eu dou aula e a irmã da minha vizinha está na sala de aula, ela mesmo a Isabela irmã da Patrícia que estudou comigo, ou quando eu dou aula em uma sala que minha prima Ana está presente, eu vejo os olhos dessas meninas brilharem e elas falam pra mim, “Mayara, eu quero ser igual você, saber tudo o que você sabe!”.



## Bibliografia

Bourdieu, Pierre. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. ZOUK. Rio Grande do Sul, 2013

BRAH, Avtar. *Difference, Diversity, Differentiation. Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. Longon/New York, Routledge, 1996, capítulo 5, pp.95-127. O comitê editorial dos cadernos pagu agradece as autorizações da autora e da editora para traduzir este capítulo.

Butler, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversivo identidade / Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.*

Fanon, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.*

FREIRE, Paulo. *A EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE COMO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO* Idanir Ecco1 - URI Erechim/RS Arnaldo Nogaró2 - URI Erechim/RS [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184\\_7792.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf)

\_\_\_\_\_, *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez; 1991.

\_\_\_\_\_, *Pedagogia da esperança*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_, *Pedagogia do Oprimido*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. 2ª ed.; São Paulo: Scipione, 1991

GAY, Martyn. VOGELS, Annick. *Depressão na infância e na adolescência*. In: *TRANSTORNOS EMOCIONAIS NA ESCOLA: Alternativas Teóricas e Práticas*. Org. Alsop, Pippa. McCaffrey. – São Paulo: Summus, 1999.

ROSA, E. Z. *Por uma reforma psiquiátrica antimanicomial: o papel estratégico da Atenção Básica para um projeto de transformação social*. PUC – SP. São Paulo, 2016

Santos, Mayara Amaral dos. *Brasilândia : outras formas de gestão da violência / Mayara Amaral dos Santos. – São Paulo, 2017.*

ZITKOSKI, J. J. *Paulo Freire e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

